

O PAPEL DOS 15+2 NA REDEMOCRATIZAÇÃO ANGOLANA (2011- 2019): MEMÓRIAS DE LUTAS DE UM MOVIMENTO SOCIAL

*THE ROLE OF THE 15+2 IN ANGOLAN
REDEMOCRATIZATION (2011-2019): MEMORIES OF
THE STRUGGLES OF A SOCIAL MOVEMENT*

Oliveira Adão Miguel¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Brasil

Resumo: A nossa pesquisa tem como objeto o Grupo dos 15+2 e o seu papel na redemocratização de Angola imbricados às ondas de protestos no Norte de África (Tunísia, Egito e na Líbia) conhecidas como a “Primavera Árabe”. Em Angola, o Grupo dos 15+2 emergiu a 20 de Junho de 2015 visando alterar a situação política, económica, social e cultural. Nesse processo, “os movimentos sociais, constituem as vias alternativas, as válvulas de expressão quando os canais institucionais estão excluídos”, como explicita Jelin². A pesquisa visará estudar o papel dos 15+2 com foco na relação histórico-dialéctica entre história, memória e processos de redemocratização tomando como base a teoria dos marcos sociais e da memória coletiva³.

Abstract: Our research has as its object the Group of 15+2 and its role in the redemocratization of Angola intertwined with the waves of protests in North Africa (Tunisia, Egypt and Libya) known as the “Arab Spring”. In Angola, the 15+2 Group emerged on the 20th of June 2015 to change the political, economic, social and cultural situation. In this process, “social movements constitute the alternative routes, the valves of expression when institutional channels are excluded”, as explained by Jelin (1985, p. 883). The research will aim to study the role of the 15+2 focusing on the historical-dialectical relationship between history, memory and redemocratization processes, based on the theory of social landmarks and collective memory (HALBWACHS, 2004, 2006).

¹ E-mail: oliveiraadaomiguel@gmail.com

² JELIN, Elizabeth. **Os trabalhos da memória**. Madrid, Siglo XXI, 2002

³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

Palavras-chave: Movimento dos 15+2; Memória Coletiva; Democratização; Movimento Social
Key-wors: Movement of the 15+2; Collective Memory; Democratization; Social movement

Introdução

Angola, é um país localizado no continente africano e tornou-se independente a 11 de Novembro de 1975, tendo implantado um sistema político de partido único com uma orientação marxista-leninista liderado pelo partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). O regime político implantado tinha azucrinado a política doméstica angolana caucionando uma guerra civil com os movimentos Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e mais tarde a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) que em meio a situação de ostracismo político procuravam de alguma forma ganhar legitimidade enquanto partidos políticos que também tinham lutado pela autodeterminação de Angola. É deste ponto de vista que a partir das décadas de 1990, num contexto de forte mudança imbricada ao fim da Guerra-fria, a arena política angolana irá vivenciar alteração do sistema político, com a emergência da democracia.

O nosso trabalho visa compreender a dinâmica da democratização angolana conduzida a partir dos movimentos sociais emergentes a partir do ano de 2011 e tendo em atenção que a história de Angola é considerada inacabada e bastante contraditória em função de muitos autores que escreveram sobre esse processo estarem influenciados por filiações político-partidárias, clichés ideológicos muito latentes, emergindo de um lado a história do vencedor e do outro as memórias dos marginalizados.

O nosso desafio na pesquisa é trabalhar a memória colectiva⁴ construída por esse movimento dos 15 a partir do conjunto de representações sociais acerca do passado que esse grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros.

As fontes de nossa pesquisa são essencialmente histórico documental, ou seja, trabalhamos com fontes tais como: jornais públicos e privados, acórdãos dos

⁴ HALBWACHS, Maurice. **A memória colectiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

tribunais, processos em posse dos advogados, entrevistas com membros, familiares e advogados do Movimento dos 15+2 com foco na relação histórico-dialéctica entre história, memória e processos de redemocratização em Angola, tomando como base a teoria dos marcos sociais e da memória coletiva.⁵ Sem deixar de considerar as múltiplas manifestações do fenómeno em estudo, estamos compreendendo como foi a luta desse coletivo diante do sistema “eduardista”, num contexto de extrema repressão estatal e com uma cultura do medo bastante patente o que inibia os cidadãos de adentrarem para as questões políticas. Do outro lado, entendemos compreender as causas da luta, os instrumentos de propaganda usados na divulgação das suas ações, estruturas de apoio, as origens do movimento social denominado Movimento Revolucionário, seu papel nas manifestações, impacto na alteração do sistema democrático, o surgimento e o papel dos jovens do conhecido Movimento dos 15+2.

Da primavera árabe à primavera negra

O conceito Primavera Árabe emergiu de um contexto de protestos que visou derrubar regimes longevos na região do Norte de África e no Médio Oriente. Todavia, não acolhe consenso a utilização do termo ao remeter todos os povos desta região a uma dimensão identitária árabe sem ter em conta a diversidade cultural que a região apresenta. Daí voltarmos a utilizar a ideia de Edward Said⁶ que vê nisto o repescar do orientalismo como uma visão de inferiorização ou subalternização dos povos desta região, tal igual acontecia no contexto colonial e hoje no mundo ocidental. E como diz o especialista Samir Amin⁷ “quando se trata do *mundo árabe*, é sempre perigoso generalizar, ignorando a diversidade das condições objetivas que caracterizam cada um dos países deste mundo”. Destarte, talvez isto conjuga-se a visão segundo a qual foi a imprensa ocidental através do jornal de Samuel Huntington, que utilizou o

⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

⁶ Said, Edward. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

⁷ AMIN, Samir. **Primavera Árabe? 2011: The Arab spring?** Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/amin/2011/05/90.pdf>. consultado aos 22 de Junho de 2021.

termo para se referir a guerra EUA- Iraque em 2005.⁸ Com o tempo, a Primavera Árabe passou a se referir as manifestações ocorridas nesta região do mundo, levando ao descambar de vários governos.

A par desta discussão, elementos comuns entre os países podem ser localizados no tempo e no espaço, como principais vectores pela combustão revolucionária ou reformadora que se seguiu. Para Matta a emergência da Primavera Árabe está ligada as seguintes razões objectivas:

A vasta maioria dos países árabes combinava duas características: a primeira, é que eles eram Estados rentistas, ou seja, países onde as rendas (derivadas de recursos naturais ou de funções estratégicas) constituíam uma parte considerável das verbas do Estado. A segunda, é que eles também eram Estados que estavam pendendo para uma posição "patrimonial" ou "neopatrimonialista", onde a maior peculiaridade era a existência de um núcleo de Estados *patrimoniais*, ou seja, Estados que eram "propriedade" de um grupo dominante que o utilizava para seus interesses e propósitos, diferente do "Estado moderno" onde os grupos dominantes nada mais eram do que funcionários públicos.⁹

Obviamente, este movimento contestatário iniciado na Tunísia, no dia 17 de Dezembro de 2010 acabou se proliferando pelo Norte da África, Médio Oriente e a África Subsariana.

Os acontecimentos (protestos) acoplavam causas de índole social e no caso da Tunísia e Egipto, apoiadas pelo exército, foram causados por fatores demográficos estruturais, como as condições de vida duras promovidas pelo desemprego, forte violação dos direitos humanos, regimes corruptos e autoritários que asfixiavam a oposição política. Ainda nesta senda, Quitunga diz o seguinte:

Politicamente, a situação foi se degradando há décadas criando condições propícias para uma revolta popular. Quer na Tunísia como no Egipto, os manifestantes exigiam a queda dos regimes. Em Marrocos e na Argélia exigia-se maior abertura política. Os

⁸ PUREZA, Fernando. **10 anos de Primavera Árabe e suas consequências**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3-DjhtD0VIQ>>. Acesso: 22 de junho de 2021.

⁹ **MATTA**, Nada. Entrevista com Gilbert Achcar: o que aconteceu com as primaveras árabes? **Revista Outubro**, n. 25, 2006. Disponível: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2016/03/1_Entrevista-Achcar1.pdf. Acesso em: 22 de Junho de 2021.

problemas que motivaram a ira pública no Norte de África são razões conhecidas – restrições das liberdades civis, corrupção, aumento das disparidades na distribuição da riqueza, impunidade política e eleições fraudulentas.¹⁰

Ao quadro descrito acima pode ser anelado o facto de o Egipto por exemplo nas circunstâncias coetâneas dos acontecimentos ser um país cujas taxas de desemprego eram alarmantes. Cerca de 90% dos desempregados em todo país eram jovens na faixa etária dos 15 a 30 anos. Em meio a esta realidade, havia uma juventude mais instruída em termos universitários e mais intrépida em participar da gestão pública comparativamente aos seus pais cujas vidas ficaram marcadas pelo silenciamento, assassinatos, perseguições políticas, prisões injustificadas, a tortura, o exílio, o suicídio ou a colaboração em participar nos actos hediondos do estado. Todavia, apesar de terem boa educação, passaram a pertencer a uma geração mais frustrada, anestesiada e oprimida pelo regime de Mubarak há cerca de trinta anos. Outro aspeto que deve ser destacado é a longevidade destes regimes¹¹. Quer na Tunísia (Zine El Abidine Ben Ali, 1987-2011), Egipto (Muhammad Hosni Said Mubarak 1981-2011), na Líbia (Muammar Al-Gaddafi, 1969-2011) ou no Iêmen (Ali Abdullah Saleh, 1990-2012), os presidentes estavam há mais de 30 anos no poder com exceção de Ben Ali na Tunísia que estava há 23 anos. Esses governos estavam caducos e administravam o poder político com cortes a liberdade, igualdade de gênero, extrema utilização do monopólio da força e da coerção. Na Tunísia, Egipto, Líbia e Iêmen, os presidentes foram depostos depois de várias semanas de protestos.

No contexto em que se estava a criar as condições para as grandes manifestações, vários são os factores que conduziram a processos de mobilização, incentivos e suporte. Aqui merece destaque os meios de comunicação que foram imperiosos na disseminação e fortalecimento das manifestações populares. Para Nada Matta, as “primaveras” seriam resultado de uma mutação política e cultural nascida a partir de uma nova geração que estaria conectada a uma cultura global, graças às novas tecnologias de informação e

¹⁰ QUITUNGA, Asbel Demaca. **O Poder da Informação nas Relações Internacionais: Os Efeitos da Primavera Árabe em Angola**. Universidade de Évora, Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus, 2015.

¹¹ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

comunicação”¹². Refira-se a isto, a emergência de uma classe média bastante jovem que fazia uso das redes sociais através do uso do Twitter e o Facebook. Sobre isto Quitunga diz que “as demonstrações são largamente conduzidas por cidadãos jovens, usam telefones celulares e redes sociais para contornar o controlo estatal. Não há lideranças visíveis nesses movimentos. Usam os mesmos slogans e táticas tal como os cidadãos árabes em outros países, aprendem do sucesso dos movimentos revolucionários de outros países árabes”.¹³

Ao abordar as Mídias Tradicionais, é imperioso destacar a propagação da televisão via satélite e o surgimento de redes de notícias de países árabes, dentre as quais o portal Al Jazeera (1996). A sua atuação, foi objeto de controvérsia política durante a Primavera Árabe reactivamente a divulgação das acções dos manifestantes. Portanto, estes meios de comunicação foram superados pelas chamadas Novas Mídias que estavam intrinsecamente ligados a espaços transfronteiriço conectando povos da região do Norte de África e o Médio Oriente.¹⁴

De acordo com o relatório da *Dubai School of Government*,¹⁵ durante o período dos protestos, houve crescimento no número de usuários do facebook em todos países do mundo árabe com exceção da Líbia devido a cortes de internet. Destacam-se o Egito e o Iêmen com 29% e 47% respetivamente. Na Tunísia o crescimento foi de 17%. No período de 1 de Janeiro a 30 de Março de 2011, houve igualmente aumento na taxa de crescimento de usuários do twitter. O número de vezes twittado foi de 22,750,000 o que equivale a 252,000 twitts por dia, ou 175 twitts por minuto. Os países com maiores indicadores de aumento foram o Egito, a Tunísia, o Bahrein e a Arábia Saudita. O número de usuários do Facebook no mundo árabe cresceu de 14,8 milhões para 27,7 milhões no período

¹² MATTA, Nada. Entrevista com Gilbert Achcar: o que aconteceu com as primaveras árabes? **Revista Outubro**, n. 25, 2006. Disponível: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2016/03/1_Entrevista-Achcar1.pdf. Acesso em: 22 de Junho de 2021.

¹³ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

¹⁴ RAMOS, Luiz Felipe Gondin. **Origens da Primavera Árabe: Uma proposta de classificação analítica**. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais XVI Curso de Especialização em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2015.

¹⁵ DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT. **Facebook Usage: Factors and Analysis**. Arab Social Medi Report, v. 1 n. 1, 2011a. Disponível em: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/dsg/unpan044212.pdf>. Acesos em: 13 Agosto de 2021.

de um ano, entre Fevereiro de 2010 e 2011. Muitos manifestantes ao serem inquiridos sobre como obtinham as informações durante os protestos, a maioria dos egípcios e tunisinos afirmavam que faziam-no através das redes sociais: facebook, Twitter e outros bloguem atingindo uma cifra acima dos 84% a 90%. A rádio, jornal e televisão privadas vinham em segundo lugar. Só 36% na Tunísia e 40% no Egipto é que admitiram terem obtido a informação através dos órgãos de informação estatal. A organização dos movimentos civis, a difusão da informação e a organização de ativistas e suas ações também contou com a contribuição das redes sociais, estando na ordem dos 30%¹⁶. Estes meios foram uteis pelo facto de Milhões de pessoas terem sido mobilizadas a saírem às ruas exigindo dignidade, democracia e justiça social, tendo ocorrido na Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen e na Síria e transformaram as dinâmicas políticas e sociais de toda uma região.

Um outro elemento digno de realce foi o surgimento de uma classe operária muito sofisticada cujo sindicalismo serviu de suporte a luta nalguns países como é o caso da Tunísia. Quitunga, afirma que “na Tunísia entre essas organizações destacamos «o Movimento Sindicalista, a UGTT, a *Ligue Tunisienne des Droits de l’Homme* (LTDH), O *Comité National des Libertés en Tunisie* (CNLT), que eram semi-independentes ou que desempenhavam um papel semiclandestino”¹⁷. Esta perspectiva é mancomunada pelo especialista em Relações Internacionais Gilbert Achcar quando afirma o seguinte:

A UGTT (do acrônimo francês de Sindicato Geral dos Trabalhadores Tunisianos) é uma considerável organização e que desempenhou um papel central na história social e política do país. Entre os seus organizadores há muitas pessoas de esquerda. A UGTT foi a grande organizadora dos levantes na Tunísia assim que tudo começou a ocorrer. Sem ela, o movimento nunca teria conseguido a vitória que teve num período tão curto de menos de um mês. Sob a pressão de alguns de suas ramificações, tais como o sindicato dos professores, a UGTT se envolveu na organização do movimento e proveu a ele um forte ímpeto. Suas ramificações locais também tiveram um importante papel nas regiões onde as insurreições começaram a se espalhar e elas seguiram pressionando a liderança da UGTT a entrar na briga. A UGTT começou a organizar greves gerais itinerantes, numa

¹⁶ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

¹⁷ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

região após a outra. O dia que Ben Ali fugiu da Tunísia, em 14 de Janeiro de 2011, é o dia em que a greve geral havia chegado até a capital. Então, a UGTT era, de fato, a grande organizadora das revoltas na Tunísia.¹⁸

Claramente como remata Achcar, “A UGTT lida com as lutas básicas da economia, mas não estão almejando mudar a natureza classista do poder. E é por isso que ela busca compromissos com os patrões e com o Estado, e por isso também que ela teve um papel conciliador diante de duas facções contrarrevolucionárias do país – o antigo regime e o movimento islâmico – ao invés de lutar contra ambas por uma mudança social radical” (Achcar, 2016, p.17).

No caso do Egito houve o envolvimento de cerca de 24.000 trabalhadores têxteis de El-Mahalla El-Kubra que foram a vanguarda da luta de classes egípcia antes dos levantes até os dias de hoje. Em cada momento crucial, eles estão sempre na linha de frente¹⁹. Samir Amin acrescenta que “as greves operárias de 2007 (as mais fortes do continente africano, desde os últimos 50 anos), a resistência obstinada dos pequenos camponeses ameaçados de expropriação pelo capitalismo agrário e a formação de círculos de protesto democrático nas classes médias (os movimentos Kefaya e do 6 de Abril) anunciavam a inevitável explosão”.²⁰

A existência da UGTT é o principal fator que permitiu que os eventos tomassem um diferente rumo na Tunísia – acrescidos do fato de que não há no país uma tradição de governos militares: a Tunísia era um Estado policial sob o governo de Ben Ali, mas não uma ditadura militar²¹. Ainda assim, Amin diz que “este movimento gigantesco do povo egípcio associa três componentes ativos: os jovens *repolitizados* pela sua própria vontade e em formas *modernas* que inventaram, as forças da esquerda radical e aqueles reunidos pelas classes médias democratas. Os protestos tinham produzido mobilizações gigantescas, em torno de 15 milhões de manifestantes.²²

¹⁸ MATTA, Nada. Entrevista com *Op. cit.*

¹⁹ MATTA, Nada. *Op. cit.*

²⁰ AMIN, Samir. *Op. cit.*

²¹ MATTA, Nada. *Op. cit.*

²² AMIN, Samir. *Op. cit.*

Assim, a 17 de Dezembro de 2010, o vendedor de legumes Mohammed Bouazizi incendiou o seu próprio corpo, na pequena cidade de Sidi Bouzid. Ao ato de desespero deste jovem cidadão tunisino seguiram-se os primeiros protestos em massa contra Ben Ali, na altura presidente. Brancoli em torna explícito este assunto através da seguinte narrativa:

(...) pela sétima vez em duas semanas, uma policial confiscou a banca de legumes de um jovem tunisiano, Mohamed Bouazizi. (...) nas últimas ocasiões em que tinha sido apreendido, apenas foi liberado mediante pagamento de propina. Ao tentar reaver novamente os itens, o vendedor teria recebido um tapa no rosto, dado por uma agente, que, além da agressão física, utilizou frases para humilhar o pai do tunisiano, morto quanto Bouazizi tinha três anos.²³

A crônica de Bouazizi, a culminar com a sua autoimolação, provê narrativa poderosa para a identificação da coletividade com o indivíduo vitimado, cujo sacrifício acaba por servir de faísca aos levantes iniciais. Mais intensamente do que na Tunísia, percebe-se no Egito um dos principais exemplos de identificação da coletividade: a morte do blogueiro Khaled Said após ser espancado por dois policiais por publicar na *internet* um vídeo com evidências de suborno de agentes estatais de segurança levou à criação do movimento “Somos todos Khaled Said”²⁴

A queda de Ben Ali em Túnis dá forte impulso às manifestações contra Mubarak no Cairo. Para Quitunga²⁵ “a queda de Ben Ali na Tunísia é um ponto de viragem. Seguiram-se a ela vários protestos em diferentes países do Norte de África e do Golfo: no Egito, Argélia, Líbia e Marrocos, na Arábia Saudita, no Iêmen, no Bahrein, na Síria, no Kuwait, na Jordânia e no Líbano”.

Portanto, os acontecimentos no Egito, por sua vez, impulsionaram sobremaneira os protestos em outros países, dada sua muito maior projeção geopolítica se comparada à Tunísia. De modo cronológico Quitunga avança que “na Tunísia os protestos começaram em de Dezembro de 2010, na Argélia a 28 de Dezembro do mesmo ano, na Líbia a 13 de Janeiro de 2011, Jordânia a 14 de Janeiro, Mauritânia a 17 de Janeiro, Omã a 17 de Janeiro, Iêmen a 18 de Janeiro,

²³ RAMOS, Luiz Felipe Gondin. *Op. cit.*

²⁴ RAMOS, Luiz Felipe Gondin. *Op. cit.*

²⁵ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

Arábia Saudita a 21 de Janeiro, Líbano a 24 de Janeiro, Egipto a 25 de Janeiro, Síria a 26 de Janeiro, Marrocos a 30 de Janeiro. Em Fevereiro, no Iraque, Djibuti, Bahrein e Kuwait, os manifestantes também saíram as ruas".²⁶

De acordo com Samir Amin as manifestações no Egipto tiveram os seguintes objectivos:

No Egipto, as manifestações tinham os seguintes objectivos: Os jovens e a esquerda radical apontam três objetivos comuns: a restauração da democracia (o fim do regime militar e policial), a aplicação de uma nova política económica e social favorável às classes populares (a ruptura com a submissão às exigências do liberalismo globalizado) e uma política internacional independente (a ruptura com a submissão às exigências da hegemonia dos Estados Unidos e do desdobramento do seu controle militar sobre o planeta).²⁷

Como consequência estes episódios tiveram repercussões em várias paragens do continente africano fazendo emergir uma espécie de Primavera Negra. E como nos diz Ramos "episódios como a queda de Ben Ali na Tunísia, ou como a morte de Gaddafi na Líbia, furta dos governantes a "aura de intangibilidade" construída ao longo dos anos e simultaneamente informa às sociedades vizinhas da possibilidade efetiva de conquistas políticas por meio da manifestação civil"²⁸. Foi assim que outros acontecimentos ocorreram sobretudo na região da África Subsariana.

Mauritânia: Yakoub Ould Khatry imolou-se pelo fogo junto aos portões do palácio presidencial pouco depois da queda do Presidente Tunisino Zine El Abidine Ben Ali; Burkina Faso: Entre Abril e Junho eclodiu uma série de protestos com slogans como "a Tunísia em Kougaudou" e o "Burkina terá o seu Egipto"; Gabão: Em Janeiro, a polícia dispersou protestos em Libreville nos quais os manifestantes carregavam cartazes que diziam "Na Tunísia, Ben Ali saiu. No Gabão, fora com [o presidente] Ali Ben"; Uganda: Durante as eleições nacionais em Fevereiro de 2011 a Comissão de Comunicação Ugandesa deu ordem aos operadores móveis para interceptarem e bloquearem as mensagens SMS contendo as seguintes palavras "Egipto", "Tunísia", "Mubarak", "Ditador", "Ben Ali" e "Poder do Povo"; Malawi: Durante uma greve nacional em Setembro de 2011, um dos principais

²⁶ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

²⁷ AMIN, Samir. *Op. cit.*

²⁸ RAMOS, Luiz Felipe Gondin. *Op. cit.*

activistas da sociedade civil disse aos jornalistas: "A Primavera Árabe foi uma grande inspiração para nós".²⁹

Os protestos produziram nalguns e noutros países bons resultados e para tal é de rememorar os derrubes dos presidentes da Tunísia, Zine El Abidine Ben Ali, que fugiu para a Arábia Saudita, em 14 de Janeiro de 2011, na sequência dos protestos revolucionários tunisinos e que ficariam reconhecidos como a *Revolução de Jasmim*; de Hosni Mubarak, no Egipto, a 11 de Fevereiro de 2011, na sequência de 18 dias de protestos em massa na celebrada Praça Tahrir, (Praça da Libertação), também reconhecidos por *Revolução da Juventude*, finalizando um mandato de 30 anos do déspota egípcio ou de Muammar al-Kadhafi, na Líbia, com a "Revolução Líbia", iniciada a 13 de Fevereiro de 2011, e finalizada (?) com a morte de Kadhafi a 20 de Outubro, que pôs fim a 42 anos da "Revolução Verde" *kadhafiana*.³⁰

Não foi só no norte do continente que o fenómeno foi acompanhado de perto. Em 2014, um movimento de massa levou o Presidente do Burkina Faso, Blaise Compaoré, a demitir-se, depois de 27 anos no poder. Ao Sudão, os protestos chegaram em 2012. Apesar de não ter havido manifestações, os sudaneses foram às ruas principalmente contra a pobreza e problemas económicos. O Presidente Omar al-Bashir respondeu duramente: a polícia usou cassetetes e gás lacrimogéneo, opositores aos regimes foram presos e os protestos sufocados. A instabilidade infectou os vizinhos do sul, como o Mali. Depois da desintegração da Líbia, armas e combatentes islâmicos foram para o Mali, onde rebeldes tuaregues lutam há décadas por um Estado separado.³¹ Sob os protestos, o mesmo se pode falar de Angola, como veremos a seguir.

²⁹ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

³⁰ DW África. A Primavera Árabe e a "cultura das manifestações" em Angola: uma história. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-002/a-primavera-%C3%A1rabe-e-a-cultura-das-manifesta%C3%A7%C3%B5es-em-angola-uma-hist%C3%B3ria/a-37551231>>. DW África. Acesso: 22 de Junho de 2021.

³¹ DW. Africa. *Op. cit.*

Quem são os 15+2? a trajectória de uma luta

O Movimento dos 15+2 emergiu a 20 de Junho de 2015 na sequência da detenção de 17 defensores dos direitos humanos que participavam de uma reunião cujo objectivo era discutir o livro de Gene Sharp, intitulado "Da Ditadura a Democracia", a fim de aprimorar os métodos pacíficos de protestos que visavam retirar do poder o presidente José Eduardo dos Santos que já ia a mais de 32 anos de governação. Entre os activistas destacam-se, Domingos da Cruz, Afonso Mayenda (Mbanza Hanza), Luaty Beirao, Manuel Nito Alves, Albano Bingo, José Gomes Hata, Hitler Samussuko, Nuno Álvaro Dala, Osvaldo Caholo, Dito Dali, Francisco Mapanda, Laurimda Gouveia e Nicolas o Radical. Os Jovens foram detidos e acusados de planearem um golpe de estado contra a antiga estrutura governativa. O movimento dos 15+2 de acordo com o artigo intitulado "Os filhos do musseque que se juntaram ao filho do regime em Angola" de Ana Dias Cordeiro publicado no Jornal "O Público" podiam ser caracterizados pelo seguinte:

A maioria dos 14 activistas, presos com Luaty Beirão (filho do amigo do presidente), vive nos bairros da periferia de Luanda. São músicos, engenheiros, professores universitários, trabalhadores por conta própria e estudantes. Não abdicam dos livros nem dos estudos. Estão presos há 126 dias. São estudantes universitários, jovens dos musseques de Luanda, músicos e rappers, intelectuais de blogues e sites, que querem fazer ouvir a sua voz muito além da capital angolana.³²

É preciso recuarmos um pouco na história das manifestações para entender quando começam as fortes mobilizações dos cidadãos angolanos a fim de pôr fim ao regime Eduardista. E é precisamente dentro do contexto desembocado pela Primavera Árabe a partir do ano de 2010, que envolveu países do Norte da África (Egipto, Argélia e a Líbia) em manifestações que levaram ao derrube de governos longevos que emergiu em Angola, um movimento que irá conduzir as manifestações a partir de 2011.

³² CORDEIRO, Ana Dias. **Os filhos do musseque que se juntaram ao filho do regime em Angola**. Disponível: <https://www.publico.pt/2015/10/24/mundo/noticia/os-filhos-do-musseque-juntaramse-ao-filho-do-regime-em-angola-1712176>. Acesso: 13/02/2021.

E tudo ocorre num contexto em que o país acabava de fazer mudanças constitucionais. Portanto, do ponto de vista constitucional, o país era democrático como diz o artigo 2 da Constituição promulgada em 2010, que passamos a destacar:

República de Angola é um Estado Democrático de Direito que tem como fundamentos a soberania popular, o primado da Constituição e da lei, a separação de poderes e interdependência de funções, a unidade nacional, o pluralismo de expressão e de organização política e a democracia representativa e participativa. A República de Angola promove e defende os direitos e liberdades fundamentais do Homem, quer como indivíduo quer como membro de grupos sociais organizados, e assegura o respeito e a garantia da sua efectivação pelos poderes legislativo, executivo e judicial, seus órgãos e instituições, bem como por todas as pessoas singulares e colectivas.³³

Ao contrário do que determina a Constituição, o governo angolano violava sistematicamente os valores da liberdade, justiça, democracia, solidariedade, construção inclusiva da paz, igualdade e progresso social, e a sua actuação não respeitava os princípios basilares da soberania popular, primado da Constituição e da lei, separação de poderes e interdependência de funções, a unidade nacional, o pluralismo de expressão e de organização política e a democracia representativa e participativa.³⁴

Esta realidade não condizia com a realidade, tendo em atenção a actuação do sistema governamental. Foi deste diapasão que emergiram, desenvolveram-se e consolidaram-se as manifestações. O movimento contestatário que passou a assumir a realização de manifestações foi motivado por uma série de factores relacionados entre outros com os longos anos de má governação que tinha sido perpetuado pelo governo de José Eduardo dos Santos e o partido do MPLA. Entre os vários actores que afloram melhor este cenário, temos Quitunga que adianta o seguinte:

³³ Constituição da República de Angola, publicado a 05 de Fevereiro de 2010.

³⁴ DALA, Nuno Álvaro. **Razão revolucionária na Angola do pós-guerra**. Disponível: <https://www.clubk.net/index.php?option=com_content&view=article&id=19309&catid=17&itemid=1067&lang=pt>. Acesso: 06 de Junho de 2021.

As manifestações em Angola resultaram da situação política, económica e social que o país vem enfrentando nas últimas três décadas: falta de liberdade política, pobreza, um governo corrupto e paternalista, o desemprego entre a maioria dos jovens, desvio de fundos públicos do Estado entre outros. Mas há também um fator externo que fez desencadear a onda de manifestações: a influência da Primavera Árabe.³⁵

Ainda neste diapasão Nuno Álvaro Dala, um dos activistas do movimento dos 15+2 num artigo publicado no club K a 25 de Outubro de 2014 argumentava o seguinte sobre o contexto das lutas dos activistas:

(...) apenas o período pós-2002, nossa leitura filosófico-política de Angola nos conduz à inferência segundo a qual, os angolanos têm sido governados por um regime bárbaro, uma ditadura traduzida numa governação mafiosa assente nos ditames do Presidente da República, cujo estilo de gestão do país continua a promover a depredação do erário publico, o nepotismo, a violação grosseira da Constituição, a corrupção e o assassinato de cidadãos contestatários ao regime, que possui uma máquina tem feito das eleições uma encenação política "para inglês ver", um mero instrumento de manutenção do regime de José Eduardo dos Santos.³⁶

Nuno Álvaro Dala voltou a reforçar as suas ideias sobre o sistema político angolano na obra "*O Pensamento Político dos Jovens Revús*" publicado no ano de 2016. E argumenta que a insatisfação e a crítica contra o estado atual das coisas em Angola, um país que, após 40 anos de independência, e após 14 de paz e crescimento económico, continua a revelar problemas sistémicos no que se refere à igualdade perante a justiça, distribuição de riqueza, liberdade de expressão, direitos humanos, a fome, a insegurança, a incerteza, a injustiça e a violência continuam a fazer parte do quotidiano de uma demasiado vasta maioria de angolanos.³⁷

Com estes argumentos, as manifestações tomaram o seu início a partir do dia 07 de Março de 2011, um marco que representa o intensificar da luta pelo aprofundamento da democracia, através de manifestações de rua. Todavia,

³⁵ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

³⁶ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

³⁷ DALA, Nuno Álvaro. O pensamento Político do jovem Revu. Disponível: https://web.facebook.com/watch/live/?v=860772691351389&ref=watch_permalink. Aceso: 06 de Junho de 2021.

apesar do esforço que havia da parte dos manifestantes em exigir os seus direitos, no dia marcado para o acto, o espaço estava tomado por um pesado cordão de segurança policial, inibindo o momento.

A primeira manifestação em Angola foi convocada pelas redes sociais para 7 de Março de 2011 e deixou o governo em estado de barata tonta. As reações dos governantes foram totalmente desproporcionais e expuseram de resto, a natureza autoritária do regime e toda a sua carga de arrogância. A estratégia adotada foi claramente a da exaltação do medo, fazendo crer que a realização de tal manifestação significaria o retorno à guerra e, para variar, atribuindo a autoria da manifestação a certos setores da UNITA.³⁸

As conclusões que se podem retirar desta manifestação frustrada pelo sistema, para Nuno Álvaro Dala são as seguintes:

Ora, a 7 de Março de 2011 o regime de José Eduardo dos Santos não caiu. Entretanto, naquela data ocorreram factos como os seguintes: A dúzia de jovens que madrugou para fazer o seu grito por liberdade esteve realmente no Largo da Independência; A tentativa de manifestação foi o acto fundacional, ou seja, em que foi iniciado um movimento de lutas de rua virado ao combate à ditadura de José Eduardo dos Santos e seu MPLA; O acto marcou a emergência de uma franja contestatária da juventude angolana, que decidiu, a despeito dos riscos, incluindo o da morte, empreender uma jornada que entendia imperativa tanto à luz da História e do tempo como à luz de princípios tais como o Interesse Nacional e o Estado democrático de direito.³⁹

Estas manifestações como nos garante Quitunga tinham como "alvo o Presidente da República, José Eduardo dos Santos, cujo governo é conhecido pelos altos níveis de corrupção, nepotismo, tráfico de influência, é repressivo e está a bastante tempo no poder. As palavras de ordem eram "Juventude de

³⁸ LUIELELE, Maurílio. **O ano das manifestações. «Club-K», 2012.** Disponível: https://www.club-k.net/index.php?option=com_content&view=article&id=9730:o-ano-das-manifestacoes-maurilio-luiele&catid=17&lang=pt&Itemid=1067. Acesso: 06 de Junho de 2021.

³⁹ DALA, Nuno Álvaro. **O que houve a 7 de Março de 2011?** Disponível na Internet via <<https://www.lilpastanews.com/2021/03/o-que-houve-7-de-marco-de-2011-nuno.html>>. Artigo publicado no dia 12 de Março de 2021.

Angola é contra a corrupção”, ou “Fora o Presidente Zé Dú – abaixo a ditadura” e “32 anos é muito”.⁴⁰

Este movimento que tinha iniciado era bastante desarticulado, pelo facto do convocador da manifestação não dar o rosto e nunca assumir a posição de alguma liderança. Isto podia ser compreensível se tivermos em conta a onda de repressões fomenta pelo sistema. O processo ocorreu naturalmente com alguns jovens a se juntarem na perspectiva de defenderem um objetivo comum: uma sociedade mais atenta aos seus direitos, uma sociedade mais livre, com maior liberdade de expressão. Com toda fragilidade que o movimento vinha vivendo por conta em parte da redução de manifestantes, as acções passaram a ter menos força também. E isto é citado com alguma pujança pelo Nuno quando diz o seguinte:

Com o transcorrer dos anos, o número de jovens manifestantes manteve-se reduzido por diversas razões, sendo uma das principais as violentíssimas repressões (levadas a cabo pela Polícia Nacional e por milícias), sobretudo no período 2011-2014, embora, a partir de 2013, a Polícia tivesse passado a usar a tática de prender os manifestantes e levá-los aos arrabaldes de Luanda, onde eram deixados, completamente entregues à sua sorte, tendo havido casos em que foram deixados em províncias como Bengo e Kwanza Norte. De 2011 a 2015, as manifestações eram literalmente actos perigosos para os que nelas participavam, e o núcleo duro dos revús era bastante exclusivo por razões óbvias.⁴¹

Destarte, Nuno Álvaro Dala afirma que deste grupo se deu as bases para a discussão sobre o futuro do movimento “revu” (abreviação do termo revolucionário, como passaram a ser cohecidos) e por isso desembocaram propostas no sentido de haver um conhecimento profundo da causa de luta, do foco de luta, dos valores e princípios de luta, dos objectivos, métodos e instrumentos de luta. E isto irá ocasionar vários encontros com os activistas como nos conta a seguir Nuno Álvaro Dala:

Todavia, as reuniões das principais figuras da revuada já em 2013-2014 – sobretudo no bunker (na Vila Alice) - reflectiam sobre a necessidade de o movimento iniciado em 2011 fazer inflexões evolutivas. Surgiram correntes divergentes, e duas se tornaram eminentes: uma defendia que era necessário que os

⁴⁰ QUITUNGA, Asbel Demaca. *Op. cit.*

⁴¹ DALA, Nuno Álvaro. *Op. cit.*

revús se organizassem, que tivessem uma estrutura organizacional que, como plataforma, seria útil aos jovens para a salvaguarda segura do capital político conseguido desde 7 de Março de 2011 e para viabilizar de forma organizada a articulação com os outros entes da esfera pública, tais como os partidos políticos, entres outros. A outra corrente defendia que era melhor que o movimento se mantivesse sem organização nem estrutura definida e muito menos burocracia, sendo que o movimento se contrairia e se atrofiaria segundo seus diversos efluxos e influxos de dinâmica política e social. Basicamente, as duas correntes podem ser denominadas como organizacionista (formalista) e inorganizacionista (não organizacionista ou informalista).

1. Os revús organizacionistas criaram o Movimento Revolucionário (MR, e destaque aqui o Aldolfo Campos, o Pedrowski Teca, o Raúl Mandela, o Albano Bingo Bingo, o Arante Kivuvu, o Nito Alves, apenas para exemplificar) e outros criaram o Movimento Revolucionário de Angola (MORANGO, e destaque aqui o Osvaldo Caholo).
2. Os revús não-organizacionistas simplesmente continuaram a fazer uma luta em moldes não estruturados. Em todo o caso, pode-se dizer que fizeram algumas concessões, pois, passaram a valorizar a cobertura sistemática dos actos cívicos (manifestações, marchas, reuniões etc.) dos revús. Criaram o blogue Central Angola 7311. Com o tempo passaram a ser designados como centroleiros, a saber, o Emanuel Piitra, o Mbanza Hanza, o Carbono Casimiro (de feliz memória), o Nelson Dibango, o Abraão Chissanga, o Hitler Jessy Tschikonde, o Luaty Bierão, o José Gomes Hata, o Bitão Felisberto Holua e outros.⁴²

Os revu inorgacionistas acabaram sendo aqueles que defendiam o carácter desnecessário de haver alguma liderança da parte do movimento, mas ainda assim continuaram a fazer lutas constantes em torno da cidadania. Foi deste grupo que se deu a génese dos membros do célebre processo dos 15+2, com excepção do Nito Alves, do Albano Bingo Bingo e do Osvaldo Caholo.

Conclusão

As fontes estudadas deixam entrever que para a consolidação de um país plural e multipartidário e para demonstrar alguma vontade de mudança da parte do poder hegemónico, o presidente José Eduardo dos Santos posterga as eleições de 2008, mas garante a aprovação da Constituição em 2010. A democracia continuava a ser formal e durante vários anos, a governação do

⁴² DALA, Nuno Álvaro. *Op. cit.*

antigo presidente José Eduardo Dos Santos passou a ser contestada pelos jovens com maior ênfase a partir do ano de 2011 pelo facto de haver de forma exponencial um elevado número de Desemprego, pobreza, corrupção, exclusão política, económica e social. Sobre este assunto, Mukuta e Fortuna (2011), afirmam que as manifestações eram motivadas pelo:

(...) enriquecimento ilícito da elite dominante e seus familiares, prepotência, arrogância manifesta dos dirigentes do partido governante; nepotismo e oligarquia; desfalques e roubos sistemáticos aos cofres do Estado angolano; péssimas condições de vida das populações angolanas; os 32 anos no poder e a exclusão dos angolanos a favor dos estrangeiros.⁴³

Em meio a situação da primavera árabe despoletada no Norte de África a partir do ano de 2011, uma onda de manifestações irá proliferar-se em Angola, com o Movimento Revolucionário a cabeça a partir do dia 07 de Março de 2011 altura em que se dá a primeira grande manifestação que irá atordoar o regime “eduardista”.

A pesquisa até então desenvolvida, evidencia que na base do processo de redemocratização um dos actores fundamentais no seu processo foi o Movimento dos 15+2 contra o poder autoritário do presidente José Eduardo dos Santos que se tinha mantido no poder a mais de 32 anos. Este Movimento desembocou aos 20 de Junho de 2015 a fim de aprimorar os métodos pacíficos de protestos que visavam retirar do poder o então presidente. Entre esses activistas de origens, formação académica e profissões comuns ou diferentes, destacam-se Domingos da Cruz, Afonso Mayenda (Mbanza Hanza), Luaty Beirão, Manuel Nito Alves, Albano Bingo, José Gomes Hata, Hitler Samussuko, Nuno Álvaro Dala, Osvaldo Caholo, Dito Dali, Francisco Mapanda, Laurimda Gouveia e Nicolas Radical. Esses Jovens foram detidos e acusados de planearem um golpe de estado contra a então estrutura governativa. Trata-se de 15 jovens de vários estratos sociais que são presos pelo fato de se reunirem em um espaço para ler a obra de Gene Sharp, intitulada da Ditadura a Democracia, dando origem ao

⁴³ MUKUTA, Coque; FORTUNA, Cláudio. **Os Meandros das Manifestações em Angola**. Luanda, 1ª ed. 2011, Editora Kiron, 2011.

famoso grupo dos 15+2 que levaram ao conhecimento da Comunidade Internacional a situação da violação dos direitos humanos, exigindo deste modo a retirada do antigo presidente que estava no poder a mais de 32 anos. Estes jovens fizeram uma redefinição das circunstâncias do agir histórico, questionando a legitimidade do sistema diante da situação terrível a que o angolano estava emerso.

Nas entrevistas preliminares feitas com José Gomes Hata, Hitler Samussuko, Dito Dali e Inocêncio Brito e nos artigos publicados em jornais como o *Jornal de Angola*, *Rede Angola*, *Club K* o *Novo Jornal* fica evidenciado que esse Movimento teve um papel fundamental no processo de redemocratização e na transição de poder do presidente José Eduardo Dos Santos ao presidente João Lourenço.

Nas entrevistas é reafirmada uma memória coletiva-individual cuja recordação se ancora na forte violência real ou simbólica do estado, marcada por ameaças, repressões, detenções, sequestros, julgamentos sumários, pressões e assassinatos de vários activistas ao longo da marcha pela democratização como a perseguição e assassinato de Cassule e Kamulingue, activistas que participavam em manifestações contestando contra o poder instituído.

O estado angolano era caracterizado por uma democracia multipartidária desde os anos de 1992 e sufragado pela alteração constitucional decorrida no ano de 2010. Obviamente, Angola era caracterizado como um estado de direito e democrático, mas na prática tinha laivos de ditadura.

A emergência de movimentos de contestação com objectivos de pressionar aberturas democráticas e construir um país mais inclusivo, demonstra que uma das lutas sociais mais evidenciadas nesse momento, foi do Movimento dos 15+2. O nosso estudo tem demonstrado que é de suma importância recuperar a história e memória deste movimento, a partir de uma memória coletiva, cujos marcos sociais foram a incontestável luta pela redemocratização. Trata-se de uma pesquisa ainda inconclusiva, mas o material colectado tem servido para trabalhar no avanço da compreensão do fenómeno articulando a relação entre história e memória em sua relação dialética.

Referências:

AMIN, Samir. **Primavera Árabe? 2011: The Arab spring?** Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/amin/2011/05/90.pdf>. consultado aos 22 de Junho de 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

CORDEIRO, Ana Dias. **Os filhos do musseque que se juntaram ao filho do regime em Angola**. Disponível: <https://www.publico.pt/2015/10/24/mundo/noticia/os-filhos-do-musseque-juntaram-se-ao-filho-do-regime-em-angola-1712176>. Acesso: 13/02/2021.

DALA, Nuno Álvaro. **Razão revolucionária na Angola do pós-guerra**. Disponível: <https://www.clubk.net/index.php?option=com_content&view=ticle&id=19309&catid=17&itemid=1067&lang=pt>. Acesso : 06 de Junho de 2021.

DALA, Nuno Álvaro. **O pensamento Político do jovem Revu**. Disponível: https://web.facebook.com/watch/live/?v=860772691351389&ref=watch_permalink. Aceso: 06 de Junho de 2021.

DUBAI SCHOOL OF GOVERNMENT. **Facebook Usage: Factors and Analysis. Arab Social Medi Report**, v. 1 n. 1, 2011a. Disponível em: <http://unpan1.un.org/intradoc/groups/public/documents/dsg/unpan044212.pdf>. Acesos em: 13 Agosto de 2021.

DW. **A Primavera Árabe e a “cultura das manifestações” em Angola: uma história**. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-002/a-primavera-%C3%A1rabe-e-a-cultura-das-manifesta%C3%A7%C3%B5es-em-angola-uma-hist%C3%B3ria/a-37551231>>. DW África. Acesso: 22 de Junho de 2021.

QUITUNGA, Asbel Demaca. **O Poder da Informação nas Relações Internacionais: Os Efeitos da Primavera Árabe em Angola**. Universidade de Évora, Mestrado em Relações Internacionais e Estudos Europeus, 2015.

LUIELELE, Maurílio. **O ano das manifestações. «Club-K»**, 2012. Disponível: https://www.clubk.net/index.php?option=com_content&view=article&id=9730:o-ano-das-manifestacoes-maurilio-luiele&catid=17&lang=pt&Itemid=1067. Acesso: 06 de Junho de 2021.

MATTA, Nada. Entrevista com Gilbert Achcar: o que aconteceu com as primaveras árabes? **Revista Outubro**, n. 25, 2006. Disponível: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2016/03/1_Entrevista-Achcar1.pdf. Acesso em: 22 de Junho de 2021.

MUKUTA, Coque; FORTUNA, Cláudio. **Os Meandros das Manifestações em Angola**. Luanda, 1ª ed. 2011, Editora Kiron, 2011.

PUREZA, Fernando. **10 anos de Primavera Árabe e suas consequências**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3-DjhtD0VIQ>>. Acesso: 22 de junho de 2021.

RAMOS, Luiz Felipe Gondin. **Origens da Primavera Árabe: Uma proposta de classificação analítica**. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais XVI Curso de Especialização em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2015.

Recebido em: 05.05.2021

Aprovado em: 20.07.2021